36/12 DEZEMBRO 1983

A LIAHONA

A Primeira Presidência
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

Comitê de Supervisão:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee

Executivo do "International Magazine":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

Executivo de A Liahona:
José Maria Carleto, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

DEZEMBRO DE 1983
PBMA0642PO
S. PAULO - BRASIL

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

HISTÓRIAS E DESTAQUES

— **Mensagem de Natal,** A Primeira Presidência.
— **Mensagem da Primeira Presidência:** O Verdadeiro Filho de Deus, Presidente Spencer W. Kimball.
— **Diário Mórmon: A Hóspede Inesperada,** Elsie May Rock.
— **Uma Recordação de Natal,** Margaret O. Dayton.
— **Personagens do Livro de Mórmon**
— **Conhecidos por Joseph Smith,** Robert J. Woodford.
— **As "Varas" de Ezequiel,** Keith H. Meservy.
— **O Dia do Senhor,** Janalee Gale.
— **Revelação,** Dallin H. Oaks.
— **Mormonismo.**

SEÇÃO INFANTIL

— **Dádivas que Perduram,** A Primeira Presidência.
— **"Irmão Joseph".**
— **O Cobertor de Neve,** Dorothy B. Ruby.

CAPA: Adoração dos Pastores

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência **Cr$ 150,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês.
Composição: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora - Rua Stella, 515 - Bloco H - 1º andar - Fone: 572-0033 -Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

MENSAGEM DE NATAL

Alegramo-nos com mais outro Natal, uma data de regozijo e época para se comemorar o nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Nessa data jubilosa, confirma-se no coração de homens e mulheres de toda a parte, a gloriosa esperança da paz e boa vontade cantada pelos anjos, quando nasceu o Salvador.

O nascimento maravilhoso de Jesus Cristo, sua vida impoluta, sua morte voluntária como sacrifício consagrado pelos pecados da humanidade, sua gloriosa ressurreição com a promessa de vida eterna para todos nós, merece nossa reverente atenção a todo momento, mas particularmente nesta data sagrada.

Nossa fé concentra-se no Cristo vivente, ao qual procuramos servir. Nossas preces de gratidão ascendem a Deus, nosso Pai Eterno, pela sublime obra de redenção realizada por seu Filho, Jesus Cristo, o Messias prometido que há de voltar.

Cremos e proclamamos ao mundo que "debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos". (Atos 4:12.) Sabemos que ele é o Filho do Deus Onipotente e convidamos a todos os homens e mulheres, jovens e velhos, a virem a Cristo e nele serem aperfeiçoados.

Nesta sagrada época do Natal, externamos nosso amor a todos os homens e reafirmamos que, seguindo os princípios divinos ensinados pelo Salvador da humanidade, poderemos participar da paz que ele veio trazer.

O VERDADEIRO FILHO DE DEUS

Esta é a época do Natal, na qual os pensamentos de muita gente se concentram no Senhor Jesus Cristo. Falemos mais uma vez de sua gloriosa missão.

Presidente Spencer W. Kimball

Os Caminhos por Onde Andou Jesus

Num Natal, há diversos anos passados, nós andamos pelos caminhos trilhados por Jesus. Passamos horas preciosas onde dizem ter sido o Jardim do Getsêmani, tentando imaginar os sofrimentos por que passou, antes de sua crucificação e ressurreição. Estivemos perto de onde ele orou, onde foi preso, onde foi julgado e condenado.

Fora da cidade, galgamos a colina rochosa ponteada de pequenas cavernas que fazem seu topo arredondado parecer uma caveira. Fomos informados de que aquele era o Gólgota, o local em que Jesus foi crucificado. Descemos pelo lado oposto da colina até um penhasco escarpado, onde entramos na tosca caverna aberta na rocha, onde dizem ter jazido seu corpo.

Mais algumas horas passamos no pequeno horto que rodeia o sepulcro, absorvendo a história de seu sepultamento e ressurreição naquele lugar. Lemos com atenção e piedade acerca da vinda das mulheres ao sepulcro, de como os anjos removeram a pedra e do assombro dos guardas apavorados.

Quase nos pareceu estarmos vendo os dois anjos de vestes alvas que falaram com Maria, dizendo: "Por que buscais o vivente entre os mortos?"

"Não está aqui, mas ressuscitou." (Lucas 24:5-6.)

A Missão Cumprida

O Senhor havia predito: "Convém que o filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite." (Lucas 24:7.)

Recordamos o diálogo entre Maria, os anjos e o Senhor: "Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram."

Voltando-se, "viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.

"Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

"Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre).

"Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus". (João 20:13-17.)

O Monte das Oliveiras

Depois subimos com dificuldade o íngreme Monte das Oliveiras, possivelmente palmilhando a senda aproximada que ele usou, como prelúdio de sua ascensão, depois de passar mais quarenta dias na terra após a ressurreição, dando certeza às centenas de pessoas que o viram, com muitas provas infalíveis, de que sua ressurreição era real.

E agora, no alto do Monte das Oliveiras, dizia ele a esses homens muito preocupados que o amavam: "Ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra." (Atos 1:8.)

Lendo estas escrituras, sentados no tronco de uma velha oliveira, pudemos facilmente imaginar o Senhor ali, de pé entre os homens preocupados, amorosos e admirados; e então uma nuvem baixou sobre o monte e ele se foi. Quase que pudemos ouvir os anjos trajados de branco, dizendo: "Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir." (Atos 1:11.)

Então consultamos os escritos de Paulo aos efésios:

"Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro...

"Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas." (Efésios 4:8, 10.)

O Significado do Natal

Às vezes, nossa comemoração de ocorrências notáveis parece assumir um colorido mundano, e assim não mais entendemos plenamente o significado daquilo que estamos celebrando. É o que acontece com o Natal, quando também nós, muitas vezes, comemoramos mais o feriado que o profundo significado do nascimento e ressurreição do Senhor. Infelizes aqueles que ignoram a filiação divina de Cristo, o fato de que o Mestre é verdadeiramente o Filho de Deus. Lamentamos realmente aqueles que consideram o milagre supremo da ressurreição "mera experiência subjetiva dos discípulos, em vez de um verdadeiro fato histórico".

Sabemos, com certeza, que tudo isso é real. Falando de si mesmo, dizia Cristo a Nicodemos: "Nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho." (João 3:11.)

Então lembramos que Pedro testificou: "Saiba pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo." (Atos 2:36.)

"Mas vós negastes o Santo e o Justo...

"E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas." (Atos 3:14-15.)

Levados perante o conselho, Pedro e João repetiram destemidamente:

"Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós...

"E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu

evangelho como aquelas que futuramente seriam influenciadas por suas palavras, um memorial para ser lembrado eternamente.

Ao enfrentar a morte e saber que logo estaria descartando seu tabernáculo mortal e passando para o outro mundo, decidiu escrever sua mensagem-testemunho para todas as gerações futuras. Ela tem sido lida e ouvida por incontáveis milhões, e diz:

"Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas; mas nós mesmos vimos a sua majestade.

"Porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido.

"E ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo." (II Pedro 1:16-18.)

Testemunho de Joseph Smith

Somos edificados pelo testemunho do profeta moderno, Joseph Smith, quando confirma ao povo a ressurreição. O Élder George A. Smith cita o último discurso público de Joseph Smith, em junho de 1844, poucos dias antes de seu cruel assassínio:

"Estou pronto para ser oferecido em sacrifício por este povo; pois o que poderão fazer nossos inimigos? Apenas matar o corpo e seu poder, então, acabou. Ficai firmes, meus amigos; não vacileis, jamais. Não procureis salvar vossa vida, porque aquele que teme morrer pela verdade, perderá a vida eterna. Perseverai até o fim e havemos de ser ressuscitados e nos tornar como deuses e reinar em reinos e principados celestiais, e domínios eternos."
(*History of the Church* 6:500.)

Certeza da Ressurreição

Muitas pessoas do mundo cristão crêem na certeza da ressurreição. Dizia o poeta francês Victor Hugo:

"Sinto em mim a vida futura. Quanto mais me aproximo do fim, mais claramente ouço em torno de mim as sinfonias imortais dos mundos que me acenam. Quando descer ao túmulo, poderei dizer como muitos outros: 'Terminei a obra de meus dias.' Mas não posso dizer: 'Terminei minha vida.' A obra de minha vida começará na manhã seguinte. O túmulo não é um beco sem saída, é um caminho livre que se fecha à noite e abre ao alvorecer."
(Do poema "A Villequier".)

E algum autor anônimo expressou em versos esse anseio natural e inexplicável pela imortalidade.

Esse anseio de imortalidade,

"Donde vem essa doce esperança,
o grato desejo,

Ou secreto medo e pavor inerente de cair no nada?

Por que se retrai a alma e se alarma, pensando na destruição?

É a divindade manifestando-se em nós,

O próprio céu apontando para o além

E insinuando ao homem a eternidade".

A Pergunta e Resposta de Jó

A pergunta de Jó tem sido feita por milhões de pessoas, quando velam um ente querido: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14.)

E a pergunta tem sido respondida de modo aceitável a numerosos deles, quando uma grande e doce paz sobre eles repousa como o orvalho do céu. E, vezes sem conta, corações que estavam entristecidos por sofrimento

nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:10, 12.)

Quando o conselho os repreendeu e lhes proibiu falar ou ensinar essas coisas em nome de Jesus, responderam: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus?

"Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido." (Atos 4:19-20.)

"E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça." (Atos 4:33.)

O Testemunho de Pedro

Nós também sabemos que a ressurreição é real. Em vida, disse Pedro ao conselho perseguidor:

"O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro...

"E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem."
(Atos 5:30, 32.)

Enchemo-nos de assombro diante do grande Pedro tão plenamente convertido e que tão gratamente aceitou as responsabilidades da liderança e autoridade, com a coragem do inspirado e convicto. Com que força conduziu os santos e enfrentou o mundo com todos os seus perseguidores, descrentes e dificuldades. E, ao testificar repetidas vezes de seu conhecimento absoluto, regozijamo-nos orgulhosamente com sua energia, enfrentando turbas e prelados judaicos, homens que podiam tirar-lhe a vida, quando proclamava corajosamente o Senhor ressurreto, o Príncipe da Paz, o Santo dos Justos, o Príncipe da Vida, o Príncipe e Salvador. Pedro, sem dúvida, tinha agora uma certeza indestrutível e inamovível. Essa sua certeza deve dar-nos muita segurança.

É significativo lermos as palavras e o testemunho de Estêvão, o santo mártir que deu a vida por sua fé.

Estevão, "fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de Deus;

"E disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem que está em pé à mão direita de Deus".
(Atos 7:55-56.)

Estevão foi um mártir e há de herdar a vida eterna. Seu testemunho revela que Cristo não está morto, mas ainda vive e se encontra num estado exaltado e glorificado com seu Pai.

O Testemunho de Paulo

O testemunho de Paulo é sumamente conclusivo. Ele ouviu a voz do Cristo ressurreto falar: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Para certificar-se da identidade de seu interlocutor, Saulo perguntou: "Quem és, Senhor?", sendo-lhe confirmado: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões."
(Atos 9:4-5.)

Então o mesmo Paulo, depois de recobrar suas forças, ser administrado pelo sacerdócio e receber de volta a visão perdida, pôs-se a confundir os judeus nas sinagogas de Damasco, provando "que aquele era o Cristo" (Atos 9:22.)

Mais tarde, quando Paulo foi procurar os apóstolos em Jerusalém, Barnabé, falando em nome de Paulo, "lhes contou como no caminho ele vira ao Senhor e lhe falara, e como em Damasco falara ousadamente no nome de Jesus". (Atos 9:27.)

Depois Paulo continua:

"E havendo eles cumprido todas as coisas que dele estavam escritas, tirando-o do madeiro o puseram na sepultura;

"Mas Deus o ressuscitou dos mortos.

"E ele por muitos dias foi visto pelos que subiram com ele da Galiléia a Jerusalém, e são suas testemunhas para com o povo.

"... a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu, a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus...

"E que o ressuscitaria dos mortos, para nunca mais tornar à corrupção, disse-o assim." (Atos 13:29-32, 34.)

Testemunho no Areópago

O testemunho de Paulo no Areópago, em Atenas, foi muito significativo. Os gregos aceitavam todos e quaisquer deuses que lhes apresentassem e tinham um altar dedicado ao "Deus Desconhecido". Paulo aproveitou-se disso, para provar-lhes que, apesar de todos os seus deuses de madeira e pedra, não conheciam o verdadeiro "Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens;

"... pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas;

"... determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação...

"... e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos".
(Atos 17:24-26, 31.)

Paulo voltou a falar de sua conversão, prestou testemunho e disse que ouvira a voz de Cristo, dizendo: "Eu sou Jesus Nazareno", sendo-lhe prometido por Ananias: "Porque hás de ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido."
(Atos 22:8, 15.)

E depois segue-se a pergunta pertinente ao Rei Agripa:

"Pois quê? julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" (Atos 26:8.)

E novamente Paulo testifica:

"Não sou eu apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo, Senhor nosso? Não sois vós a minha obra no Senhor?

"... porque vós sois o selo do meu apostolado no Senhor."
(I Cor. 9:1-2.)

O Senhor ressurreto "foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos...

"Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

"E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo". (I Cor. 15:6-8.)

Depois, falando aos coríntios, Paulo faz um belo discurso sobre a ressurreição.

Tenho uma grande admiração e afeto por nosso irmão Paulo, nosso companheiro no apostolado. Ele era tão dedicado, tão humilde, tão honesto. Tinha tanta energia, interesse e dedicação. Deve ter sido simpático, apesar de seus problemas, pois as pessoas procuravam retê-lo, quando estava para deixá-las.

Amo Paulo, porque falava a verdade, interessava-se pelas pessoas. Amo Paulo por sua firmeza, mesmo diante da morte e martírio. Sempre me fascinam seus relatos dos perigos por que passou, ao pregar o evangelho a membros e não-membros.

Depoimento de Testemunhas Oculares

Um dos últimos testemunhos de Pedro, talvez, foi prestado a todas as pessoas, tanto às convertidas ao

agonizante, sentiram o beijo daquela paz que não é compreendida.

E, quando uma profunda tranqüilidade da alma trouxe uma nova e cálida certeza às mentes que estavam atribuladas e a corações despedaçados, aquele grupo numeroso de pessoas pôde repetir juntamente com o querido Jó:

"Por que eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

"E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.

"Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão." (Jó 19:25-27.)

Jó externou o desejo de que seu testemunho pudesse ser impresso em livros e talhado na pedra para as gerações futuras lerem. Seu desejo foi atendido, pois muitas almas encontraram a paz lendo seu vigoroso testemunho.

A Visão de João

Para concluir, gostaria de compartilhar a visão de João, o Revelador:

"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

"E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras." (Apocalipse 20:12-13.)

E quando a vívida, verdejante primavera segue o lúgubre e mortal inverno, a natureza inteira proclama a divindade do Senhor ressurreto. No Natal, lembremo-nos de que ele foi o Criador, que ele é o Salvador do mundo, o verdadeiro Filho de Deus.

Sugestões para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase.

Você poderia ressaltar estes pontos no ensino familiar:

1. O Senhor profetizou que seria "entregue nas mãos de homens pecadores", crucificado, e ressuscitaria. Isto fazia parte do plano eterno.

2. Pedro e os outros apóstolos arriscaram a própria vida para testificarem da divindade do Salvador e de sua ressurreição.

3. Os profetas modernos também confirmaram a veracidade da ressurreição. O Profeta Joseph Smith sabia que aquele que "teme morrer pela verdade, perderá a vida eterna". Se perseverarmos até o fim, diz ele, "havemos de ser ressuscitados".

4. Outros também compreenderam que existe algo mais além da vida temporal do homem. Dizia Victor Hugo: "O túmulo não é um beco sem saída, é um caminho livre."

Subsídios para o Debate:

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito da fé dos apóstolos e de sua disposição para testificar a realidade da ressurreição. Peça a membros da família que compartilhem o que pensam.

2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto, depois de conversar primeiro com o chefe da família, antes da visita? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família, concernente a este assunto?

Pintura de Harry Anderson

A Hóspede Inesperada

Elsie May Rock

Na manhã de segunda-feira, eu costumo lavar roupa. Mas, nessa segunda-feira antes do Natal, meus pensamentos estavam presos ao arranjo natalino que pretendia fazer como centro de mesa. Senti-me compelida a largar tudo para comprar os materiais necessários.

Prestes a atravessar a rua para tomar o ônibus, de repente mudei de idéia e resolvi ir a pé. Tendo percorrido uns dois terços do trajeto, encontrei uma senhora numa cadeira de rodas motorizada. Ela não era membro da Igreja, mas eu a conhecia, pois fora a porta-voz dos idosos de nossa comunidade para agradecer-nos o concerto anual que nossa ala lhes apresentara.

Cumprimentei-a, e durante nosso bate-papo, soube que ela estaria só naquele Natal. Fora por *isso* que eu me sentira impelida a sair naquela manhã! Convidei-a a passar o Natal conosco. A decoração já não era mais importante para mim, embora continuasse meu caminho e fizesse as compras.

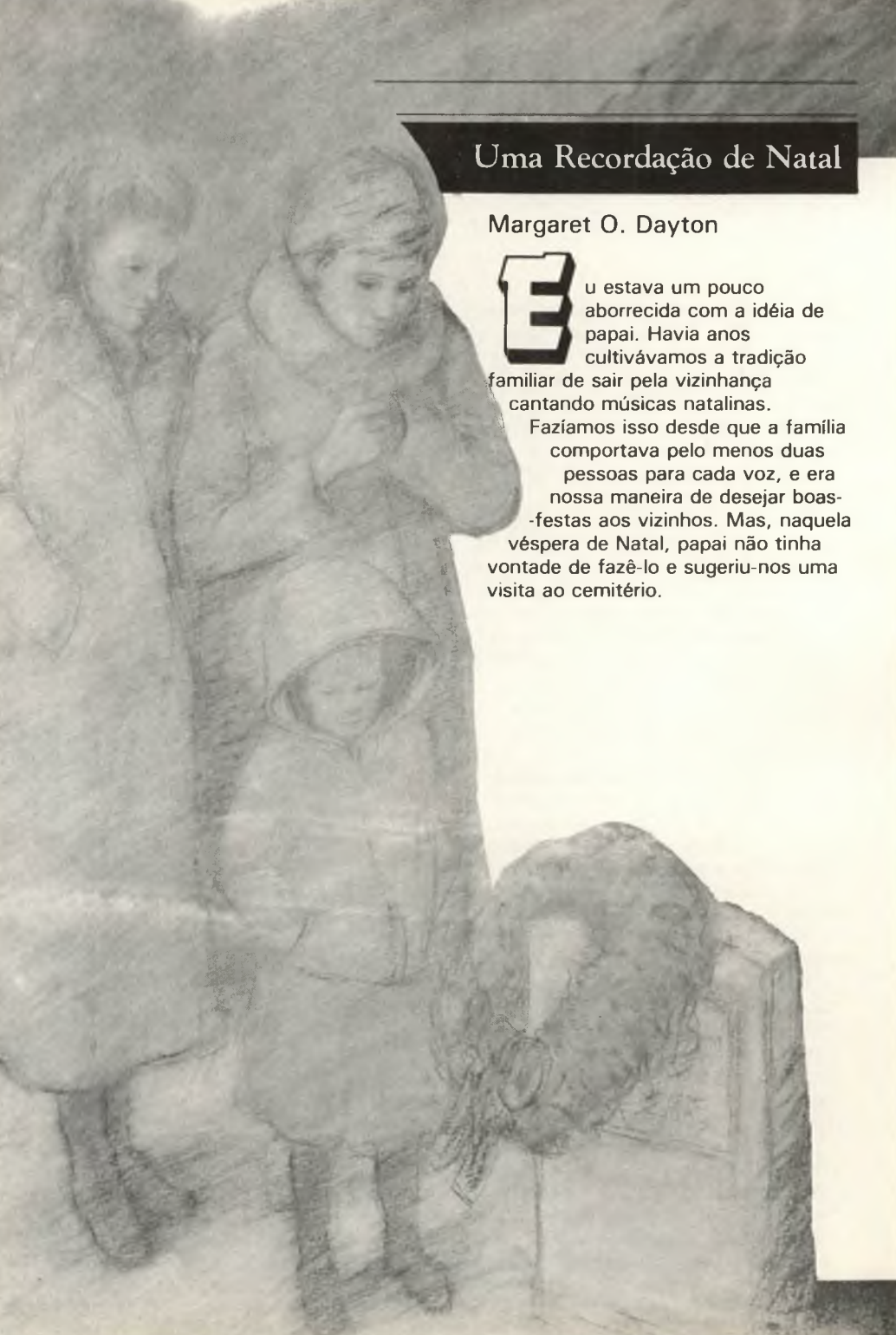
Depois, tendo convidado mais uma pessoa, entrei em pânico. O que diria meu marido, um não-membro? Já tínhamos convidado seis parentes, sendo duas pessoas de idade e duas crianças, além de nossa família de seis pessoas. Como todos reagiriam?

A princípio, meu marido não gostou nem um pouco da idéia. Natal é uma festa familiar, objetou, e aquela senhora era uma pessoa totalmente estranha para nós. Ainda assim, senti que nos fora enviada por inspiração; jejuei e orei a respeito e pedi o mesmo às minhas professoras visitantes. No dia seguinte, a atmosfera alegre voltara ao nosso lar, e aquela hóspede especial foi bem aceita por todos.

Gostamos muito de tê-la conosco no Natal. Ela trouxe consigo um doce espírito para nosso lar, com seu testemunho do Salvador. Quando testificou aos nossos parentes não-membros de sua fé na segunda vinda de Cristo, pude acrescentar meu testemunho ao dela e explicar muito mais a respeito do evangelho do que fora possível antes. Nossa nova amiga havia preparado o caminho.

Elsie M. Rock, mãe de quatro filhos, serve como regente de música e professora da Primária em sua Ala Mitcham, Surrey, Inglaterra.

Ilustrações de G. Allen Garns.



Uma Recordação de Natal

Margaret O. Dayton

Eu estava um pouco aborrecida com a idéia de papai. Havia anos cultivávamos a tradição familiar de sair pela vizinhança cantando músicas natalinas. Fazíamos isso desde que a família comportava pelo menos duas pessoas para cada voz, e era nossa maneira de desejar boas-festas aos vizinhos. Mas, naquela véspera de Natal, papai não tinha vontade de fazê-lo e sugeriu-nos uma visita ao cemitério.

Naquele ano, estávamos residindo na bela Baviera, um estado no sul da Alemanha, aninhado nos Alpes. Nossa família havia tentado aprender a língua e apreciava a cultura e tradições locais. Muitas vezes visitamos pequenas aldeias, famílias bavaras e lugares interessantes longe das tradicionais rotas turísticas. Assim, a sugestão de visitarmos um cemitério só era estranha por vir numa véspera de Natal.

Bem agasalhados em pesados capotes e cachecóis quentinhos, subimos a pé o estreito e sinuoso caminho que levava ao cemitério da aldeia. Embora já muitas vezes tivessemos passado pelos típicos chalés da região com seus estábulos sob o mesmo telhado, naquela noite pareceram-nos bem condizentes com a tradição natalina — recordando aquele primeiro Natal em que os viajantes se abrigaram junto com os animais.

Chegando ao alto da colina, ouvimos música suave vinda da igrejinha com seu alto campanário. Passamos pela igreja, continuando até o pequeno cemitério escondido atrás dela. Embora não fôssemos os únicos ali, tudo era reverência e silêncio. Ficamos observando, admirados, aquela cena.

Todos os túmulos ostentavam algum enfeite de Natal: belas coroas, velas acesas, flores frescas, arvorezinhas de Natal iluminadas e até mesmo pequenos presépios esculpidos. Vimos que aqueles aldeões queriam comemorar o Natal com os entes queridos que os haviam precedido na morte. Seus corações estavam saudosos de seus familiares e, por isso, traziam o Natal para o cemitério.

Saímos de lá em silêncio, com excessão da neve que estalava debaixo de nossos pés, sentindo-nos quase que como intrusos numa sagrada comemoração familiar.

O acontecido naquela véspera de Natal passou a significar ainda mais para mim um ano depois, já então na beleza hibernal do Vale de Utah. Papai falecera durante o ano, e ninguém teve vontade de continuar com a tradição de cantar músicas de Natal; sua ausência ainda pesava demais, então mamãe nos levou mais uma vez a um cemitério, portando uma coroa de Natal. Agora, nossa família estava só; não havia ninguém mais para ouvir-nos cantar o nascimento de Cristo, quando colocamos a coroa na sepultura de papai. Estávamos envoltos num denso manto de neblina, agasalhando-nos em seu silente mistério; a vista não ia além dos muros do cemitério, como se o mundo terminasse ali.

Mas, como nossos corações transbordaram de alegria ao lembrar que estávamos comemorando o Natal, que, por causa do Salvador, o mundo era mais do que fora, que a vida não termina na sepultura e que nossos entes queridos não estão sós! Ali, no cemitério, lembrando papai, comemoramos o nascimento de nosso Salvador, nossa Esperança, nosso Redentor; e a paz de sua mensagem foi um ótimo bálsamo para nossa solidão.

Como sou grata por essas experiências de Natal, pelas memórias que evocam e pelo crescente apreço que me deram por nosso Salvador.

Margaret O. Dayton, mãe de três filhos, é membro da Ala Price, Utah.

Sempre que a família de Joseph Smith Sr. via o pai pegar os óculos no bolso do colete, sabia que estava na hora da reunião devocional vespertina; tinham por hábito terminar o dia com um hino, oração e leitura da Bíblia. Era o pai quem regia o hino, lia a Bíblia e orava. Pouco depois das primeiras visitas de Morôni ao jovem Profeta Joseph, em setembro de 1823, entretanto, essas reuniões

Robert J. Woodford

familiares, segundo a mãe do Profeta, assumiram um caráter diferente. Diz ela:

"A partir daí, Joseph continuou recebendo instruções do Senhor, e nós continuamos a reunir a família para o ouvirmos falar sobre elas. Suponho que nossa família apresentava um aspecto totalmente estranho na face da Terra - todos sentados em círculo, pai, mãe, filhos e filhas dando a máxima atenção a um

Personagens do Livro de Mórmon Conhecidos por Joseph Smith

Ilustrado por Del Parson

rapaz de dezoito anos...

"Durante nossas conversas noturnas, ocasionalmente Joseph apresentava narrações, as mais divertidas que se possa imaginar. Descrevia os antigos habitantes deste continente, sua maneira de vestir e viajar, os animais que montavam; suas cidades, edifícios com todos os detalhes; sua maneira de guerrear e também seu culto religioso. Ele o fazia com toda facilidade, aparentemente como se houvesse estado a vida inteira com eles."

Tais descrições detalhadas foram feitas nos quatro anos, entre a primeira aparição de Morôni e a época em que Joseph recebeu permissão de pegar as placas de ouro. De onde vieram essas informações? Infelizmente, a história registra apenas isto:

"De acordo com o que me fora mandado, fui ao fim de cada ano e, em cada vez, encontrava lá o mesmo mensageiro e, a cada uma de nossas entrevistas, recebia dele instruções e conhecimento com respeito ao que o Senhor ia fazer, e como e de que maneira seu reino se conduziria nos últimos dias." (Joseph Smith 2:54; *History of the Church,* 1:16.)

Mais tarde, ele raramente falava dos acontecimentos daqueles dias. Uma das raras exceções dá-se em sua carta a John Wentworth:

"Fui igualmente informado a respeito dos aborígines (habitantes nativos) deste país; foi-me mostrado como eram e de onde vieram; um breve esboço de suas origens, progresso, civilização, leis, governos, e de sua retidão e iniqüidade, e como as bênçãos do Senhor acabaram sendo retiradas deles como povo foi-me dado a conhecer. Fui informado também onde foram depositadas algumas placas nas quais estava gravado um resumo dos registros dos antigos profetas que viveram neste continente. O anjo apareceu-me três vezes na mesma noite, revelando-me as mesmas coisas. *Depois de haver recebido muitas visitas dos anjos de Deus, desvendando-me a majestade e glória dos acontecimentos que se dariam nos últimos dias,* na manhã de 22 de setembro de 1827 A.D., o anjo do Senhor entregou os anais em minhas mãos." (*Times and Seasons,* 1.º de março de 1842; grifo nosso.)

Assim, pois, Morôni revelou as informações iniciais ao Profeta Joseph, mas muitos anjos desvendaram-lhe outras coisas antes de ele receber as placas. Orson Pratt lembrou, anos mais tarde, que esses anjos eram personagens do Livro de Mórmon com quem Joseph falou face-a-face. Disse ainda que eles vieram instruir Joseph a respeito da obra que deveria realizar e que Morôni lhe dera "muita instrução".

Outros companheiros de Joseph Smith acrescentaram pormenores fascinantes. Wilford Woodruff diz que Joseph foi ensinado por "anjos do céu, pela voz de Deus, e pela inspiração e poder do Espírito Santo". (*Journal of Discourses,* 16:35.) Orson Spencer conta como "ao seu toque, os antigos profetas voltam à vida".

Naturalmente Morôni, portador das chaves da restauração do Livro de Mórmon, teve atuação destacada nesse tempo de preparação. (Ver D&C 27:5.) Trabalhou com o jovem profeta em pelo menos vinte e duas visitas, aparecendo por três vezes na noite de 21 para 22 de setembro de 1823, uma vez no dia seguinte, quando Joseph voltava do

campo para casa, mais tarde, no mesmo dia, no Monte Cumora, quando Joseph viu as placas pela primeira vez, outras três vezes nas visitas subseqüentes ao monte em 1824, 1825 e 1826, e uma vez durante o verão de 1827. O pai havia-o mandado cuidar de um negócio para ele, e Joseph voltou tarde da noite, exausto, explicando:

"Ao passar pelo Monte Cumora, onde estão as placas, o anjo veio ao meu encontro e disse que eu não estive suficientemente empenhado na obra do Senhor; que chegara o tempo de o registro ser trazido à luz; e que era preciso estar alerta e ocupado com as coisas que Deus me ordenou fazer." (Lucy Mack Smith, *Biographical Sketches of Joseph Smith,* pp. 98-99.)

A décima visita aconteceu a 22 de setembro de 1827, quando Joseph recebeu as placas. No verão seguinte, o anjo tirou as placas e o Urim e Tumim do Profeta, "em conseqüência de eu ter aborrecido o Senhor com o pedido de deixar Martin Harris levar os escritos, que ele depois perdeu por transgressão". (*History of the Church,* 1:21-22.)

Em seguida, o mensageiro voltou (décima segunda visita), trazendo o Urim e Tumim pelo qual Joseph Smith recebeu a seção 3 de Doutrina & Convênios, na qual era repreendido por sua negligência. O anjo tomou-lhe novamente o Urim e Tumim, devolvendo-o mais tarde junto com as placas, para que pudesse prosseguir o trabalho de tradução. (*History of the Church,* 1:23.) Segundo Lucy Mack Smith, essa visitação deu-se no dia 22 de setembro de 1828.

Em 1878, David Whitmer contou a Joseph F. Smith e Orson Pratt uma história que inclui mais três visitações, da décima quinta à décima sétima. Ele viajava com Oliver Cowdery e Joseph Smith para Fayette, Nova York, a fim de terminarem a tradução, quando "repentinamente apareceu ao lado de nosso carroção um velho distinto e simpático e nos saudou com 'bom dia, mas que calor', enxugava o rosto ou testa com a mão. Retribuímos a saudação e, a um sinal de Joseph, ofereci-lhe uma carona, caso seguisse nosso caminho. Mas ele agradeceu polidamente: 'Não, estou indo para Cumora.' Era um nome novo para mim, eu não sabia o que significava. Olhamos para ele e depois nos entreolhamos admirados, e quando me voltei inquisitivamente para Joseph, o velho desapareceu por encanto, de modo que não voltei a vê-lo.

"Joseph F. Smith: Reparou em sua aparência?

"David Whitmer: Penso que sim. Ele tinha... mais ou menos um metro e meio de altura...; vestia uma roupa de lã marrom, tinha cabelos e barba brancos. Lembro-me também de que levava às costas uma espécie de mochila, tendo dentro alguma coisa com formato de livro. Era o mensageiro que levava as placas que haviam sido tiradas de Joseph, pouco antes de nossa partida de Harmony. Depois de chegarmos em casa, vi uma coisa que me levou a acreditar que as placas haviam sido colocadas ou escondidas no estábulo de meu pai. Perguntei francamente a Joseph se minha suposição estava correta, e ele disse que sim". (Atas da Escola dos Profetas, Estado de Salt Lake, 3 de outubro de 1883.)

Terminada a tradução, Joseph devolveu as placas ao anjo que,

Pintura de Kenneth Riley

posteriormente, as mostrou a Joseph, Oliver Cowdery e David Whitmer, e mais tarde, no mesmo dia, voltou para mostrá-las a Martin Harris e Joseph Smith.

As duas últimas visitas registradas aconteceram quando Joseph recebeu as placas do anjo para mostrá-las às oito testemunhas, e depois as devolveu. Vinte e duas visitas conhecidas!

Além de Morôni, o próprio Salvador, cujo advento entre os nefitas é o tema principal do livro, apareceu a Joseph por época da Primeira Visão, quando foi dada a seção 76 de Doutrina & Convênios e no Templo de Kirtland. (Joseph Smith 2:14-20; D&C 76:19-24; 110:1-10; *History of the Church,* 1:5-7.)

Além destas, os historiadores da época registraram outras visitas do Salvador. Zebedee Coltrin, por exemplo, falando na Escola dos Profetas da Estaca Salt Lake - que incluía o presidente John Taylor e outras autoridades gerais - disse que o Salvador apareceu numa reunião, duas ou três semanas após a organização da primeira Escola dos Profetas em Kirtland, Ohio. Passou pela sala sem falar, sendo identificado por Joseph Smith: "Este é Jesus, o Filho de Deus, nosso irmão maior."

Diversos outros personagens do Livro de Mórmon apareceram perto da publicação do livro. Conta Parley P. Pratt, por exemplo:

"Por meio desse moço e da ministração de santos anjos a ele, esse livro apareceu para o mundo." (*Journal of Discourses,* 9:212.)

Assim, aparentemente Joseph Smith foi auxiliado pela ministração de anjos que haviam sido nefitas na mortalidade.

O Élder George Q. Cannon identificou dois deles como sendo, provavelmente, Alma e Néfi. (*Journal of Discourses,* 13:47.) Num discurso posterior, o Élder Cannon diz que Joseph era visitado constantemente por anjos, inclusive Morôni e os cabeças de várias dispensações, que a mente de Joseph Smith "poderia estar totalmente saturada com conhecimento das coisas de Deus, e que compreendia o grande e santo chamado que Deus lhe conferira". (*Journal of Discourses,* 23:362.)

John Taylor acrescenta a essa informação:

"Ele (Joseph Smith) aprendeu por comunicações dos céus, de tempos em tempos, a respeito dos grandes eventos que aconteceriam nos últimos dias. Ele compreendia as coisas passadas, as várias dispensações e seus desígnios. Não só lhe eram elucidados os princípios, mas conversava com os personagens que oficiavam como líderes daquelas dispensações; e de alguns deles recebeu autoridade, chaves, sacerdócio e poder para a realização dos grandes propósitos do Senhor nos últimos dias, enviados e comissionados especialmente pelo Todo-Poderoso para conferir-lhe essas chaves e autoridade." (*Journal of Discourses,* 20:174-75.)

O Élder John Taylor também identificou como visitantes "Mórmon, Morôni, Néfi e outros profetas antigos que viveram neste continente". (*Journal of Discourses,* 17:374.) Falando em Ephraim, Utah, em 1879, diz ele que os doze discípulos nefitas também visitaram Joseph.

"Os princípios que ele possuía colocaram-no em comunicação com o Senhor, e não somente com o Senhor, mas com os antigos apóstolos e profetas; esses homens, como por exemplo Abraão, Isaque, Jacó, Noé, Adão, Sete, Enoque, Jesus e o Pai, e os apóstolos que viveram neste continente americano, bem como aqueles que viveram no continente asiático. Ele parecia estar tão familiarizado com essas pessoas, como nós estamos uns com os outros." (*Journal of Discourses,* 21:94.)

Em outro discurso, feito mais tarde na Ala XIV da Cidade do Lago Salgado, o Élder Taylor acrescentou:

"O Anjo Morôni veio a ele e revelou-lhe o Livro de Mórmon... E depois veio Néfi, um dos profetas antigos que viveram neste continente, que se interessava pelo bem-estar do povo entre o qual vivera naqueles dias...

"Novamente, quem seria mais verossímil do que Mórmon e Néfi e alguns outros profetas que ministraram ao povo deste continente, sob a influência do mesmo evangelho, servirem outra vez como seus representantes?" (*Journal of Discourses,* 21:161, 163.)

Numa carta particular a John Christensen, de Brigham City, Utah, testifica Orson Pratt:

"O profeta recebia freqüentes visitas de Néfi, Morôni, Pedro, Tiago, João (o Amado), João Batista, Elias, Moisés, dos três nefitas etc.etc."

Não nos equivoquemos. A missão profética de Joseph Smith e a tradução do Livro de Mórmon foram acontecimentos pelos quais os seres justos vinham esperando havia séculos. O mundo invisível estava próximo durante esses acontecimentos decisivos. As visitas de instrução e a inspiração do jovem Profeta, comentadas posteriormente com sagrada reticência por ele próprio e seus companheiros, provam que ele foi o maior vidente desta dispensação. As palavras de William Taylor, irmão do Presidente John Taylor, prestam o devido tributo a esse grande dom do Profeta:

"Ele parecia exatamente tão familiarizado com o Mundo Espiritual e conhecedor do outro lado, como estava aqui."

Robert J. Woodford, instrutor no Instituto SUD de Religião, Universidade de Utah, serve como sumo conselheiro na Estaca Salt Lake Winder Oeste.

O ESQUECIDO

Janalee Gale

Hoje é um daqueles dias em que pular da cama é um martírio. Seis horas é simplesmente cedo demais para alguém estar de pé. Nem mesmo a passarada acordou! E além disso, hoje é domingo — dia em que eu devia estar descansando de meus trabalhos. Mas tenho de ir trabalhar e, desnecessário dizer, isto não é nada animador. Mas eu vou, ainda que reclamando. Só dormirei mais uns minutinhos.

Chamo-me Jana, e era esse meu estado de espírito em certa manhã de domingo. Ainda que adore meu trabalho de enfermeira no Hospital SUD, da Cidade do Lago Salgado, simplesmente não tinha vontade de ir.

Cheguei no hospital às 7h05 min., quando meu horário era 7h00. Olhando para o relógio do saguão, assustei-me e fiquei apertando o botão do elevador que estava no quinto andar, e nada de descer. Então

Ilustrado por Richard Brown

DIA DO SENHOR

subi correndo seis lances de escada. Cheguei lá em cima sem fôlego, exausta, o coração palpitando alto como que rebelado contra o súbito esforço. Ainda bem que eu estava num hospital; se tivesse um ataque cardíaco, haveria quem me socorresse.

Passando pela recepcionista, ela ergueu os olhos e comentou, sem demonstrar emoção: "Eles começaram sem você." Sorri e entrei aos tropeços na sala de reunião onde se encontravam todas as outras enfermeiras a fim de receberem as instruções para o dia.

Diversos pacientes me foram designados, cada um com problemas e necessidades especiais. Era preciso dar banhos, trocar roupas de cama, cuidar de equipamentos, medir temperatura, levar bandejas de comida, preencher papeletas médicas, dar medicamentos, mudar curativos,

massagear músculos doloridos e, além disso tudo, ainda agradar aos médicos. Infelizmente, o trabalho não se faria sozinho. Não tinha escolha se não pôr mãos à obra.

Em meio de toda a azáfama, ouviu-se uma voz pelo alto-falante do saguão: "Todo paciente que quiser participar do culto religioso, queira avisar a enfermeira." Ora essa, eu quase esquecera — era domingo! Perguntei a todos os meus pacientes se queriam participar do culto de meia hora. Nenhum pareceu interessar-se; a maioria estava cansada ou doente demais. Como eu. Apenas a Sra. Whitmer que sofria de artrite e câncer ósseo, respondeu à minha pergunta com um calmo sim. A coitadinha, confinada à cama e sofrendo dores a cada movimento e toque, queria ir à reunião.

Informei aos irmãos encarregados da reunião que era preciso levar a Sra. Whitmer na própria cama. Depois, fui apressadamente prepará-la para o passeio — penteei-lhe os cabelos, lavei-lhe o rosto e troquei-lhe as roupas e a roupa da cama. A cada movimento, fazia esgares de dor, mas não se queixou nenhuma vez. Assim que terminei de prepará-la, os irmãos vieram buscá-la. Então voltei minha atenção para os outros pacientes, sem pensar nela uma única vez.

O dia foi passando e finalmente meu turno terminou. Que alívio! Antes de sair, dei mais uma verificada nos pacientes aos meus cuidados. A Sra. Whitmer retornara havia muito do culto e estava repousando tranqüila — assim como todos os outros, graças aos céus. Tão depressa quanto saí para o trabalho de manhã, voltei correndo para o meu apartamento.

Dias mais tarde, quando eu fazia o turno da noite e já estava pronta para sair, chamaram do quarto número quatro. Pensei: "Por que esperam eu estar pronta para sair, para só então chamar?" Mas, na verdade, não me importava. Desci o corredor escurecido até a cama da paciente. Era a Sra. Whitmer.

— Jana? — perguntou.

Sim, sou eu, — respondi.

Pegando delicadamente minha mão, disse com voz fraca e trêmula:

— Só queria agradecer-lhe por me ajudar a participar do culto no domingo. Não tenho podido ir ultimamente por estar muito mal. Você não sabe quanto significou para mim poder ir naquele dia. Quando participei do sacramento...

Houve uma longa pausa; depois, prosseguiu com voz trêmula: Senti o Espírito de Deus e soube, com certeza, que Cristo é o meu Salvador.

E começou a chorar. Percebi que não era só ela quem derramava lágrimas. Essa maravilhosa mulher, tão fraca como estava, era mais forte do que eu jamais fora. Tinha um testemunho profundo, vivo. Não pude deixar de lembrar-me das vezes em que eu fora à Igreja por simples hábito, sem nunca participar do Espírito, embora sempre participasse da água e pão. Lembrei-me também do domingo em que preparara a Sra. Whitmer para o culto, tão apressadamente, como se fosse um fardo para mim. Nunca mais haveria de ser assim.

Nós duas choramos juntas naquela noite, só por alguns minutos, mas o bastante para compartilharmos nossos mais profundos sentimentos. Nada mais foi dito, nem precisava ser. As lágrimas e o aperto de mãos haviam dito tudo.

As "Varas" de Ezequiel

Keith H. Meservy

G. Contenau, Manuel d'Archeologie Orientale 4(Paris: Picard) 2215, fig. 1244, usado com permissão.

Muitas gerações de missionários têm citado esta escritura: "Tu, pois, ó filho do homem, toma um pedaço de madeira e escreve nele: Por Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros. E toma outro pedaço de madeira e escreve nele: Por José, vara de Efraim, e por toda a casa de Israel, seus companheiros.

"E ajunta um ao outro, para que se unam e se tornem um só na tua mão." (Ezequiel 37:16-17.)

Ao santo dos últimos dias, esta escritura mostra que Ezequiel sabia que, nos últimos dias, a vara de José, o Livro de Mórmon, seria juntada à vara de Judá, a Bíblia, para ajudar o Senhor a realizar a restauração de Israel. É verdade que os intérpretes dentro da Igreja não conseguiram chegar à conclusão sobre o

Baixo-relevo mostrando um homem carregando um "livro" de tabuletas de madeira. O "lombo" do "livro" é formado pelos gonzos presos às tabuletas.
(Stele of Barrekub, fotografado com permissão dos Museus Estaduais de Berlim, Museu do Oriente Próximo.)

tipo de "vara" a que Ezequiel se referia, se a uma talha, um códice ou cetro. De qualquer maneira, baseada em D&C 27:5, a Igreja mantém sua convicção de que cada vara representa um livro de escrituras.

Esta interpretação, entretanto, não é aceita por todos. Estudiosos da Bíblia, fora da Igreja insistem em que a interpretação cristã tradicional de "vara" como bastão ou cetro condiz melhor com o que Ezequiel está dizendo. Ressaltam que imediatamente após a profecia da vara, o Senhor afirma: "Eis que eu tomarei os filhos de Israel dentre as nações... e os levarei a sua terra. E deles farei uma nação... e um rei será rei de todos eles; e nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos." (Ezequiel 37:21-22.)

E concluem que obviamente a união desses dois cetros tribais simboliza com clareza a reunificação das tribos divididas. A interpretação do Profeta Joseph Smith parece estranha e fora de contexto para os críticos.

Em vista de tais críticas, a interpretação da Igreja foi confirmada pelo Élder Harold B. Lee, em 1968, falando aos professores de Seminário e Instituto reunidos na Universidade Brigham Young: "Alguns ensinam, segundo relatórios, que a vara de José não se refere ao Livro de Mórmon, e que Doutrina & Convênios, seção 5, quando assim afirma, não deve ser tomada literalmente. Deus proíbe que qualquer um de vocês, professores, ensine tal doutrina ou permita que seja ensinada sem contestação de sua parte, pois conhecem a verdade e têm testemunho." ("Viewpoint of a Giant", BYU, 18 de julho de 1968, p. 6 publicado pelo Departamento de Seminários e Institutos de Religião.)

Descobertas recentes e muito animadoras confirmam agora a exatidão da interpretação de Joseph Smith, de todo impossível em 1830. Mas, antes de debatermos essas novas descobertas, examinemos rapidamente alguns aspectos lingüísticos. A palavra hebraica

Tabuletas de madeira com bordos salientes, encontradas num poço seco no Iraque.
(Foto de Keith H. Meservy, Museu Britânico, Londres.)

usada nessa passagem de Ezequiel é *etz,* cujo sentido básico é *madeira.*

Etz aparece aproximadamente trezentas vezes no texto hebraico.

Verificando a Versão Grega dos Setenta (do Velho Testamento), traduzida por judeus para uso de judeus no séc. III A.C., encontramos *etz* traduzido como *madeira (ksylom)* duzentas e quarenta e nove vezes; e como *árvore (dendron)* apenas quinze vezes. Sendo seu idioma pátrio, esses judeus conheciam profundamente o hebraico. Obviamente consideravam *madeira* o sentido principal de *etz.* É duplamente surpreendente, pois, descobrir que esses tradutores da Septuaginta *não* empregassem *madeira* naquele capítulo trinta e sete, de suma importância, mas sim *vara (rabdos).* Particulamente interessante é que esta é a única vez em toda a Bíblia grega que *etz* é traduzido como *rabdos.*

Por que? A resposta é vital, visto que a maioria dos interpretadores modernos baseiam seu entendimento dessa passagem justamente nessa única tradução.

Os cientistas têm concluído por hipótese que esses tradutores foram influenciados pela passagem em Números 17:2-3, na qual o Senhor requer de cada líder tribal que escreva seu nome na sua vara *(rabdos)* e a deixe no tabernáculo durante a noite. A conexão com o nome tribal é óbvia. E, de fato, *existe* aquela profecia no fim de Ezequiel 37, acerca da reunificação dos reinos. A única falha nessa explicação é que a palavra traduzida como *vara,* em Números, não é *etz,* mas *matteh,* legítimo termo hebraico que literalmente significa *bastão.* Assim, se era isso o que Ezequiel realmente quis dizer, por que não usou igualmente o termo *matteh?*

Tendo isto em mente, as descobertas de arqueólogos e lingüistas no Iraque assumem nova importância.

O Iraque moderno abrange praticamente toda a Mesopotâmia, torrão natal dos antigos reinos da Assíria e Babilônia. Em 593 A.C., quando foi chamado como profeta, Ezequiel vivia exilado na Babilônia entre os numerosos judeus levados cativos por

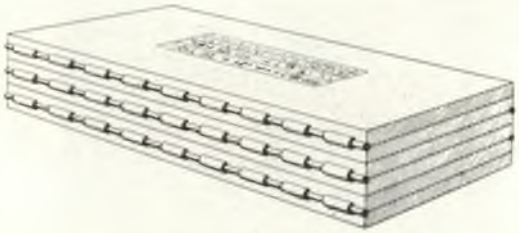


Diagrama de tabuletas de escrita ligadas por gonzos, quando fechadas.
(M.E.L. Mallowan, Nimrud and Its Remains, 153, usado com permissão da Escola Britânica de Arqueologia, Iraque.)

Nabucodonosor. Caminhando pelas ruas de lá, certamente via os escribas típicos calcando seu afiado estilo em tabuletas de argila úmida, produzindo a complicada escrita por nós conhecida como *cuneiforme*. Mas os pesquisadores de hoje sabem que se faziam outros registros na Mesopotâmia: sobre papiro, pergaminho e tabuletas de madeira. Embora apenas as tabuletas de argila hajam sobrevivido até hoje, seus escribas se referiram nelas aos outros tipos de material de escrita.

Os arqueólogos modernos sabiam o que é papiro e pergaminho, mas, o que seriam essas tabuletas de madeira? Como seria possível produzir a escrita cuneiforme sobre madeira? Então, concluíram, por suposição, que os caracteres cuneiformes eram pintados sobre a madeira.

Essa conclusão foi abandonada anos atrás, quando San Nicolo descobriu, nos arquivos do Templo Eanna, em Uruk, sul da Babilônia, duas tabuletas de argila, uma datada de 596 A.C. e a outra, de 582 A.C. Seus escribas mencionavam, ambos, cera de desenho (e uma outra substância desconhecida de San Nicolo) do armazém do templo para fazer *enchimento* para suas tabuletas de madeira. Enchimento? San Nicolo lembrou-se, então, de que tanto gregos como romanos faziam tabuletas de madeira para seus registros com os bordos levemente salientes, a fim de reterem uma delgada camada de cera. Os escreventes escreviam nessa cera. As bordas salientes protegiam a superfície escrita, quando as tabuletas eram sobrepostas.

Teriam os babilônios feito o mesmo? San Nicolo percebeu que produzir caracteres cuneiformes com um estilo na cera seria o mesmo que escrever na argila, enquanto a pintura em madeira requeria um processo totalmente diferente. Concluiu, pois, que as tabuletas de madeira destinadas à escrita dos babilônios eram tabuletas enceradas, publicando suas conclusões para o mundo científico em 1948. Teorizava que o motivo de nunca se ter encontrado tais tabuletas devia ser sua pouca

Outro exemplo de fontes antigas mostrando o uso de tabuletas de escrever ligadas por gonzos.
(Foto de Keith H. Meservy, Museu Britânico, Londres.)

durabilidade. Cinco anos mais tarde, porém, para assombro dos arqueólogos envolvidos, um achado no território correspondente à antiga Assíria, confirmou totalmente essa teoria.

A descoberta, dirigida pelo arqueólogo Max Mallowan, foi feita numa camada de lodo, no fundo de um poço, em Nimrud, cidade conhecida como Calá, na Bíblia. O primeiro achado foi uma tabuleta partida de marfim, medindo aproximadamente 150 × 150 cm, e 12 cm de grossura. Ao terminar o dia, os trabalhadores haviam encontrado a outra metade da tábua quebrada. Quando terminaram seu trabalho, haviam encontrado fragmentos de dois conjuntos completos de tabuletas, cada um composto de dezesseis tábuas, sendo um de marfim e o outro de nogueira. Os dois conjuntos eram feitos de tábuas do mesmo tamanho: 330 × 152 × 12 cm.

As superfícies das tábuas apresentavam um rebaixamento de 2,5 cm, com uma borda elevada de 12 cm de largura em toda a volta. Essa superfície rebaixada abrigava a camada ou "enchimento" de cera, do qual foram encontrados delgados fragmentos ainda aderentes à madeira ou então misturados na camada de lodo.

O lodo havia destruído a maior parte da escrita, mas continuava existindo a evidência, e um dos fragmentos ainda apresentava caracteres cuneiformes legíveis.

As tábuas de fora, cuja superfície externa não tinha enchimento de cera, apresentavam marcas de gonzos nos dois lados, provando que as dezesseis peças do conjunto estiveram unidas como um biombo. A obra inteira comportava um registro tão extenso, que Mallowan pôde anunciar seu achado como o mais antigo exemplo conhecido de livro.

Análises laboratoriais forneceram maiores detalhes sobre o "enchimento". Era composto de quatro partes de cera para uma de sulfeto de arsênico. O sulfeto deve ter sido a outra substância que San Nicolo não conseguiu identificar pelas tabuletas de argila. Era usado para conservar a cera suficientemente

Estas tabuletas de escrever — "Varas" — ainda conservam um pouco da camada de cera de abelha e sulfeto de arsênico. O arsênico servia para conservar a cera maleável e a tingia de amarelo vivo.

(Reconstituição de tabuletas de escrever mesopotâmicas, fotografadas por Keith H. Meservy, Museu Britânico, Londres.)

maleável para ser facilmente trabalhada com o estilo, além de dar-lhe um colorido amarelo vivo. E a escrita pequena e nítida preservada naquele único fragmento de cera é tão compacta, que as trinta superfícies próprias para a escrita poderiam conter aproximadamente sete mil e quinhentas linhas de texto.

A inscrição na capa de um desses "livros" de madeira diz: "Palácio de Sargão, Rei do Mundo, Rei da Assíria. Ele fez inscrever o texto, a começar pelas palavras *Enuma Anu Enlil* numa tabuleta de marfim e colocá-la em seu palácio de Dur-Sharrukin." Com a morte de Sargão, em 705 A.C., o palácio foi saqueado e as tábuas separadas, provavelmente para levarem os gonzos, que talvez fossem de ouro; as tábuas "sem valor" foram então jogadas no poço.

Essa descoberta confirmou a hipótese de San Nicolo. Por referências cuneiformes a *is le 'u,* os cientistas sabiam que se usavam tabuletas de madeira na antiga Babilônia desde 1700 A.C. E mil anos mais tarde, estavam sendo usadas na Assíria para textos religiosos, relatórios e ordens reais, para o registro de nomes de pessoas, além dos negócios de estabelecimentos, conhecimentos de carga marítima e registro de distribuição de óleo.

Depois de identificado um conjunto, os cientistas perceberam que os baixos-relevos assírios forneciam uma prova visual de seu uso, acontecendo o mesmo em monumentos igualmente antigos dos arameus, no norte da Mesopotâmia. Não se encontraram ainda exemplos dos hititas, mas San Nicolo observou que eles, que também utilizavam a escrita cuneiforme, mencionam o uso de madeira para escrever e tinham uma denominação especial para esse tipo de escriba.

Os cientistas clássicos sabem há muito que gregos e romanos usavam tabuletas de cera. Zacarias escreveu o nome de seu filho recém-nascido, João Batista, numa tabuleta assim. (Lucas 1:63.) Continuaram a ser usadas na Europa até o século XIV A.D. Em suma, a escrita em tabuletas revestidas de cera foi um costume comum na antigüidade durante

milhares de anos (cerca de 1700 A.C. até 1.400 A.D.) e em muitas culturas.

Como isto nos ajuda no caso desse versículo em Ezequiel? Bem, todos os interessados são concordes em que qualquer interpretação dessa passagem tem de ser consistente com o que conhecemos do idioma e também do que sabemos sobre o contexto da profecia, pois o contexto determina o sentido.

O contexto de Ezequiel é o mundo babilônio com seus costumes e práticas; seu idioma é o hebraico, língua irmã do babilônio. O termo babilônio *is* é cognato do hebraico *etz*, significando ambos madeira'', significando ''tabuleta de ser denominada *is le 'u* feito de *shin piri* — ''tabuleta de madeira feita de marfim de elefante'' o que parece uma contradição absurda — indica que *is le 'u* já perdera o sentido de ''tabuleta de madeira'', significando ''tabuleta de escrever'', independente do material de que era feita. Da mesma forma, a palavra latina para livro, *liber*, significava originalmente ''casca de árvore''. Não obstante, hoje um bibliotecário não é um especialista em casca de árvore!

Com isto em mente, vemos como é possível traduzir Ezequiel 37:15-17 assim:

''E veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Homem, toma uma tabuleta de madeira e escreve nela: 'Judá e seus companheiros de Israel.' E toma outra tabuleta de madeira e escreve nela: 'José, a tabuleta de madeira de Efraim e todos os seus companheiros de Israel.'

''E ajunta uma à outra para que formem uma tabuleta, e se tornem um conjunto de tabuletas na tua mão.''

Tal tradução é fiel ao que sabemos atualmente sobre o idioma e cultura de Ezequiel. Na verdade, essa tradução consta na Nova Bíblia Inglesa, versão patrocinada pelas principais igrejas protestantes e sociedades bíblicas das Ilhas Britânicas. Portanto, não é mais preciso ficarmos na defensiva por considerarmos as tais ''varas'' como registros. Na verdade, é bem o contrário; aqueles que as interpretavam como cetros — ou seja lá o que for — devem explicar agora como conseguem harmonizá-las com o meio-ambiente cultural de Ezequiel.

Pouco depois de as escavações de Mallowan trazerem à luz as tabuletas de madeira, as paredes do antigo poço desabaram, quase que sepultando o ancião que descera ao fundo dele por meio de cordas. Além da sorte de conseguirem retirar as tabuletas e os trabalhadores do poço *antes* do desastre, Mallowan registra que a descoberta das tabuletas foi mais do que mera sorte:

''A conservação dessa matéria orgânica no fundo de um poço... parece pouco menos que um milagre, mas, de fato, é explicável pelas propriedades especiais do lodo.

''Essa assombrosa boa sorte permitiu-nos resgatar do olvido uma espécie de documento que, embora deva ter existido em centenas de outras cidades da Ásia Menor, sobreviveu em apenas uma. Temos aqui a mais antiga prova material do que deve ter sido um tipo costumeiro de registro escrito.''

Assombrosa boa sorte? Milagre? Não maior que o de Joseph Smith, vivendo lá no interior de Nova York, nos princípios do século XIX, ter interpretado essa passagem bíblica de maneira totalmente contrária à interpretação lógica e habitual da época, para ser justificado somente por descobertas feitas no século XX. É impressionante como pormenores como esse tornam mais forte a posição do evangelho restaurado, mostrando mais uma vez a extensão e profundidade da inspiração de Joseph Smith durante seu tão breve ministério.

O Irmão Meservy é professor-assistente de escritura antiga na Universidade Brigham Young.

REVE

Revelação é a comunicação de Deus com o homem, podendo ocorrer de várias maneiras. Alguns profetas, como Moisés e Joseph Smith, falaram com Deus face a face. Outras pessoas tiveram comunicação pessoal com anjos. Outras revelações se dão, conforme diz o Élder James E. Talmage, por meio de "sonhos quando a pessoa dorme, ...(ou) por visões, quando as faculdades estão despertas". (James E. Talmage, *Regras de Fé*, p. 214.)

Muitas vezes, a revelação ou inspiração acontece por meio de palavras ou pensamentos comunicados à mente (ver D&C 8:2-3; Enos 1:10), por súbita iluminação do entendimento (ver D&C 6:14-15), por sensação positiva ou negativa acerca de pretendidos cursos de ação, ou até mesmo por desempenho inspirado, como nas artes. Conforme declarou o Élder Boyd K. Packer: A "inspiração vem mais como um sentimento que como som". (Boyd K. Packer, "Orações e Respostas", *A Liahona,* março de 1980, p. 28.)

Supondo que conheçam essas diferentes formas de revelação ou inspiração, decidi debater esse assunto em termos de uma classificação diferente — a propósito da comunicação. Eu consigo identificar oito propósitos distintos

AÇÃO

para a comunicação vinda de Deus: (1) testificar, (2) profetizar, (3) confortar, (4) edificar, (5) informar, (6) restringir, (7) confirmar e (8) induzir. Descreverei cada um deles na ordem acima, dando exemplos.

Meu intento é sugerir essa classificação e, com os exemplos, persuadí-los a examinar sua própria vivência, concluindo que já receberam revelações e podem obter mais, porque a comunicação de Deus com homens e mulheres é uma realidade. O Presidente Lorenzo Snow declarou ser este "o grande privilégio de cada santo dos últimos dias". (*Conference Report,* abril de 1899, p. 52; citado em *Preparai o Caminho do Senhor,* lição 4, p. 24.)

O Presidente Harold B. Lee ensinava que "todo homem tem o direito de exercer esses dons e privilégios na condução de seus negócios; na criação dos filhos no caminho que devem seguir; na administração de seus assuntos ou ocupação. Ele tem o direito de usufruir o espírito de revelação e de inspiração para fazer a coisa certa, ser sábio e prudente, justo e bom, em tudo o que fizer". (Harold B. Lee, Stand Ye in Holy Places, pp. 141-42.)

Ao examinar os oito propósitos da revelação, espero que reconheçam a medida de revelação ou inspiração que já receberam e resolvam cultivar esse dom espiritual para uso mais freqüente no futuro.

Dallin H. Oaks

1 ***O testemunho ou confirmação do Espírito Santo de que Jesus é o Cristo e de que o evangelho é verdadeiro é uma revelação de Deus.***

Quando o Apóstolo Pedro testifica que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivente, o Salvador o chama de bem-aventurado, "porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está nos céus". (Mateus 16:17.) Esta preciosa revelação pode fazer parte da vivência pessoal de todo aquele que busca a verdade e, uma vez recebida, torna-se a estrela-guia que o orienta em todas as atividades da vida.

2 ***A profecia é outro propósito ou função da revelação.***

Falando sob a influência do Espírito Santo e dentro dos limites de sua responsabilidade, a pessoa pode ser inspirada a predizer o que acontecerá no futuro. O ocupante do ofício de profeta, vidente e revelador profetiza para toda a Igreja, como quando Joseph Smith predisse a Guerra Civil Americana (ver D&C 87) e que os santos se tornariam um povo poderoso nas Montanhas Rochosas. A profecia faz parte do chamado de um patriarca. Cada um de nós também tem o privilégio de, ocasionalmente, receber revelação profética sobre acontecimentos futuros de nossa vida, como um chamado na Igreja, por exemplo. Para citar mais um exemplo, depois de nascer nosso quinto filho, não veio mais nenhum. Passados mais de dez anos, concluímos que nossa família não aumentaria mais, o que nos entristeceu. Então um dia, no templo, o Espírito sussurrou a minha mulher que ela teria outro filho. Essa revelação profética cumpriu-se um ano e meio mais tarde, com o nascimento de nosso sexto filho, pelo qual esperávamos havia treze anos.

3 ***O terceiro propósito da revelação é*** **confortar.**

O Profeta Joseph Smith teve esse tipo de revelação na Cadeia de Liberty.

Depois de viver meses em condições deploráveis, ele orou ao Senhor em agonia e solidão, implorando que se lembrasse dele e dos santos perseguidos. E recebeu esta resposta confortante:

"Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento; E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sobre todos os teus adversários." (D&C 121:7-8.)

Nessa mesma revelação, o Senhor declara que, fossem quais fossem as tragédias ou injustiças que o Profeta sofresse, "saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem". (D&C 122:7.)

Todos nós conhecemos outras revelações confortantes. Alguns têm sido confortados pela visão de entes queridos falecidos ou sentindo sua presença. A viúva de um bom amigo contou-me haver sentido a presença do marido falecido, dando-lhe certeza de seu amor e preocupação com ela. Outros foram confortados ao perderem um emprego, um bom negócio ou até mesmo um casamento. A revelação de conforto pode dar-se igualmente junto com uma bênção do sacerdócio, seja pelas palavras proferidas ou simplesmente pela sensação transmitida pela bênção.

Outro tipo de revelação confortante é a certeza recebida de que um pecado foi perdoado. Depois de orar fervorosamente durante um dia e uma noite, um profeta do Livro de Mórmon ouviu uma voz, que dizia: "Teus pecados te são perdoados e tu serás abençoado... portanto," diz Enos, "minha culpa foi apagada". (Enos 1:5-6; ver também D&C 61:2.) Essa certeza, que vem quando a pessoa cumpriu todos os passos do arrependimento, garante-lhe que o preço foi pago, que Deus ouviu o pecador penitente e que seus pecados são perdoados. Alma descreve esse momento como o instante que deixou de ser "atormentado pela lembrança" de seus erros. "E oh, que alegria e que luz maravilhosa vi então! Sim, minha alma se encheu de tanta alegria quanta havia sido minha dor... não pode haver nada mais agradável e doce do que foi a minha alegria." (Alma 36:19-21.)

4 **Edificar, *o quarto propósito ou função da revelação, é bem parecido com o de confortar.***

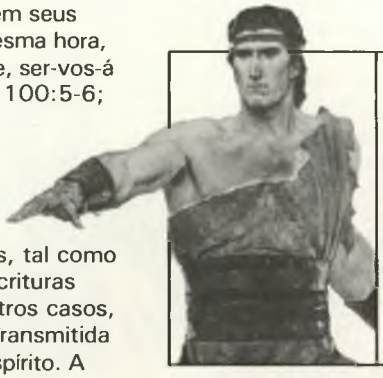
Uma vez ou outra na vida, todos nós precisamos de ajuda para vencer uma depressão ou algum senso de apreensão ou inferioridade, ou simplesmente um estado de mediocridade espiritual. Por elevar nosso espírito e ajudar-nos a resistir ao mal e a buscar o bem, creio que sentir a edificação proveniente da leitura das escrituras ou de apreciar boa música, arte ou literatura, é um propósito distinto da revelação.

5 ***O quinto propósito da revelação é*** **informar.**

Isto pode acontecer inspirando à pessoa as palavras a dizer em determinada ocasião, como na benção proferida por um patriarca, em sermões ou outras palavras faladas sob a influência do Espírito Santo. O Senhor ordenou a Joseph Smith e Sidney Rigdon que erguessem suas vozes e falassem os pensamentos que ele poria em seus corações, "pois, naquela mesma hora, sim, naquele mesmo instante, ser-vos-á dado o que falareis", (D&C 100:5-6; também 84:85; 124:97.)

Em algumas ocasiões sagradas, essa informação tem sido dada em conversas pessoais com seres celestes, tal como nas visões descritas nas escrituras antigas e modernas. Em outros casos, a informação necessária é transmitida pelos suaves sussurros do Espírito. A criança que perde um bem precioso, ora pedindo ajuda e é inspirada a encontrá-lo; o adulto tem um problema no trabalho, em casa, ou na pesquisa genealógica, ora e é conduzido à informação necessária para resolvê-lo; o líder da Igreja ora para saber quem o Senhor deseja que ele chame para determinado cargo, e o Espírito sussurra-lhe um nome. Em todos estes exemplos — familiares a todos nós — o Espírito Santo atua em sua função de professor e revelador, transmitindo informações e verdades para a edificação e diretriz do recebedor.

A revelação de Deus cumpre esses cinco propósitos: testificar, profetizar, confortar, edificar e informar. Falei deles de modo resumido dando exemplos principalmente das escrituras. Vou falar mais demoradamente dos três propósitos restantes da revelação, dando exemplos de minha vivência pessoal.



6 ***O sexto propósito da revelação é*** **restringir,** ***impedir-nos de fazer alguma coisa.***

No meio de um grande sermão a respeito do poder do Espírito Santo, Néfi subitamente declara: "E agora... não posso dizer mais; o Espírito encerra a minha fala." (2 Néfi 32:7.) Essa restrição é um dos modos mais comuns de revelação. Acontece muitas vezes inesperadamente, sem termos pedido uma revelação ou orientação sobre determinado assunto. Se, porém, estivermos guardando os mandamentos de Deus e vivendo em sintonia com o

Espírito, essa força restritiva nos afastará do que não devemos fazer.

Uma de minhas primeiras experiências de restrição pelo Espírito, aconteceu pouco depois de eu ser chamado como conselheiro numa presidência de estaca em Chicago. Em uma das primeiras reuniões de presidência, o presidente propôs que nossa nova sede da estaca fosse construída em determinado local. Imediatamente me ocorreram quatro ou cinco bons motivos para discordar. Quando pediram minha opinião, opus-me à proposta, dando minhas razões. O presidente da estaca propôs sabiamente que todos nós considerássemos o assunto em oração durante uma semana, e voltássemos a discutí-lo na reunião seguinte. Orei a respeito quase que indiferente, recebendo de imediato a forte impressão de que estava errado, que estava atrapalhando a vontade do Senhor e que deveria deixar de opor-me. Desnecessário dizer que fui restringido e prontamente aprovei a construção proposta. A propósito, a sabedoria de construir a sede da estaca naquele local logo se tornou evidente, mesmo para mim. Meus motivos provaram-se improcedentes, e senti-me grato por haver sido impedido a insistir neles.

Anos atrás, na Universidade Brigham Young, apanhei a caneta para assinar um documento preparado para minha assinatura, coisa que eu fazia uma dezena de vezes ao dia. Esse documento comprometia a Universidade a seguir determinado curso de ação, depois de devidamente estudado e decidido. Tudo parecia em ordem, mas, quando ia assiná-lo, fui tomado de uma sensação tão negativa e de apreensão, que o coloquei de lado, solicitando que o assunto voltasse a ser considerado. Houve um reexame e, poucos dias depois, soubemos de novos fatos que mostravam que aquele curso de ação teria causado sérios problemas no futuro.

Noutra ocasião, o Espírito veio socorrer-me, quando organizava um compêndio sobre assuntos legais. Esse tipo de compêndio consiste de centenas de pareceres judiciais, acompanhados de matéria explanatória e texto escrito pelo editor. Meu assistente e eu havíamos quase terminado o livro, inclusive a necessária pesquisa para assegurar que esses pareceres não haviam sido revogados ou invalidados. Pouco antes de mandá-lo ao editor, eu folheava o manuscrito, quando determinado parecer me chamou a atenção. Lendo-o, tive uma sensação profundamente desagradável. Pedi ao meu assistente que verificasse mais uma vez o dito parecer, para verificar se estava mesmo tudo em ordem. Informou-me de que estava. Numa verificação posterior do manuscrito pronto, voltei a parar naquele caso, persistindo a impressão negativa. Desta vez fui pessoalmente à biblioteca jurídica. Ali, numa publicação recente, descobri que aquela sentença acabava de ser revogada pelo tribunal de apelação. Se publicasse o tal parecer em meu compêndio, ter-me-ia causado sério embaraço profissional. Fui salvo pelo poder restritor da revelação.

7 ***Uma forma comum de buscar revelação é propor determinado curso de ação e, depois, pedir em oração que seja*** **confirmado.**

O Senhor explicou esse tipo confirmador de revelação, quando Oliver Cowdery não conseguiu traduzir o Livro de Mórmon:

"Eis que não compreendeste; tu supuseste que eu to daria, quando não fizeste outra coisa senão pedir.

"Mas, eis que eu te digo, deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo." (D&C 9:7-8.)

De igual modo, o Profeta Alma compara a palavra de Deus a uma semente, e diz a quem estuda o evangelho que, se permitir que a semente germine em seu coração, ela dilatará sua alma e iluminará seu entendimento, e começará a ser-lhe deliciosa. (Ver Alma 32.) Este sentimento é a revelação confirmadora do Espírito Santo de que a palavra é verdadeira.

Falando no campus da Universidade Brigham Young, alguns anos atrás, sobre o tema "Arbítrio ou Inspiração", o Élder Bruce R. McConkie ressaltou nossa responsabilidade de fazer tudo ao nosso alcance, antes de buscarmos inspiração, dando um exemplo muito pessoal. Quando se pôs a procurar uma companheira para a eternidade, não perguntou ao Senhor com quem deveria casar-se. "Saí em busca da moça que eu queria", dizia ele, "Ela me agradou... parecia exatamente o que me convinha... Então orei ao Senhor, pedindo que me orientasse e guiasse na decisão a que chegara." (*Speeches of the Year,* 1972-73; pp. 107, 111.)

Ele resumiu assim seu conselho sobre o equilíbrio entre arbítrio e inspiração:

"Espera-se que usemos os dons, talentos e habilidades. O bom-senso, juízo e arbítrio com que fomos dotados... No perguntar com fé está implícito o requisito prévio de fazermos tudo ao nosso alcance para chegar à meta que almejamos... Espera-se que façamos tudo o que pudermos e depois busquemos uma resposta do Senhor, a confirmação de que nossa atitude está certa." (Pp. 108, 110, 113.)

Como representante regional dos Doze, tive o privilégio de trabalhar com quatro membros do Quorum e outras autoridades gerais, quando buscavam revelação no chamado de presidentes de estaca. Todos procediam da mesma forma. Entrevistavam pessoas residentes na estaca — conselheiros na presidência da estaca, membros do sumo conselho, bispos e outros com boa experiência na administração da

Igreja — fazendo-lhes perguntas e ouvindo seu conselho. No decorrer dessas entrevistas, os servos do Senhor ponderavam piedosamente cada pessoa entrevistada e mencionada. Finalmente, chegavam a uma decisão a respeito do nome para presidente de estaca, proposta esta que aí submetiam à consideração do Senhor. Se confirmada, faziam o chamado. Se rejeitada ou permanecendo dúvidas, o chamado era adiado, e o processo continuava até se chegar a uma nova proposta e receber a revelação confirmadora.

Às vezes, revelações confirmadoras e restritivas se combinam. Enquanto trabalhava na Universidade Brigham Young, por exemplo, fui convidado a falar na reunião de uma associação nacional de advogados. Como isto exigia diversos dias de preparação eu costumava declinar esse tipo de convite. Quando comecei a ditar a carta nesse sentido, contudo, senti-me refreado; então parei e reconsiderei minha decisão. Passei, pois, a considerar meios de poder aceitar o convite e nisso senti a confirmação aprovadora do Espírito, sabendo que era o que eu devia fazer.

Aquele discurso abriu-nos a porta para inúmeras e importantes oportunidades. Fui convidado a repeti-lo diante de diversos outros grupos significativos no âmbito nacional; foi publicado em *Vital Speeches,* revista especializada, e diversos outros periódicos e livros, sendo utilizado como declaração abalizada sobre o interesse da universidade particular de ter liberdade de regulamentos governamentais. Por causa desse discurso, a Universidade foi consultada por diversos grupos religiosos sobre o relacionamento apropriado entre o governo e colégios de propriedade de igrejas. Essas consultas, por sua vez, contribuíram para a formação de uma organização nacional de colégios e universidades de propriedade de igrejas, permitindo uma importante coalizão para opor-se a futuros regulamentos governamentais ilegais ou insensatos. Não tenho dúvidas de que aquele convite que quase rejeitei, foi uma daquelas ocasiões em que um ato aparentemente sem importância faz uma grande diferença. São as horas em que se torna vital receber a orientação do Senhor, e os momentos em que a revelação vem em nosso socorro, desde que estejamos atentos e a acatemos.

8 ***O oitavo propósito ou tipo de revelação acontece quando o Espírito*** **impele** ***a pessoa a agir.***

Não é o caso em que o Espírito confirma ou não determinada ação proposta por alguém, mas quando a revelação vem sem ser esperada, e nos impele a fazer alguma coisa que não

propusemos. É um tipo de revelação obviamente menos comum que os demais, contudo sua raridade a torna mais significativa.

No primeiro livro de Néfi, encontramos um exemplo escriturístico. Para conseguir os preciosos anais guardados no tesouro em Jerusalém, o Espírito do Senhor induziu-o a matar Labão que jazia embriagado numa rua. Era um ato tão contrário à índole de Néfi, que este relutou e se opôs ao Espírito, mas foi novamente constrangido a fazê-lo, e acabou por seguir aquela revelação. (Ver 1 Néfi 4.)

Os estudiosos da história da Igreja hão de lembrar-se do caso contado por Wilford Woodruff, quando, durante a noite, foi impelido a tirar seu carroção e mulas de perto de uma grande árvore. Ele obedeceu, e assim salvou sua família e animais de serem esmagados, quando a árvore foi ao chão, derrubada por um ciclone, meia hora mais tarde. (Ver Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff, History of His Life and Labors,* pp. 331-32.)

Quando moça, minha avó Chasty Olsen Harris teve uma experiência semelhante. Ela estava cuidando de algumas crianças que brincavam no leito de um rio seco, em Castle Dale, Utah. De repente, ela ouviu uma voz mandando que tirasse as crianças dali e as levasse para o barranco alto. Era um dia claro, sem nenhum prenúncio de chuva. Não havia motivo para dar ouvidos àquela voz, e ela deixou as crianças brincarem. A voz falou-lhe novamente, em tom urgente. Desta vez, ela atendeu. Reunindo as crianças, saiu correndo com elas para o barranco. Assim que o alcançaram, uma grande massa de água proveniente de um forte aguaceiro nas montanhas distantes, varreu o leito do rio onde as crianças estavam brincando. Sem a revelação impelidora, vovó e as crianças estariam perdidas.

Marvin Hill e eu vínhamos trabalhando havia nove anos no livro *Carthage Conspiracy,* que tratava do julgamento, em 1845, dos assassinos de Joseph Smith. Tínhamos à mão várias atas do julgamento, algumas de autor conhecido, outras sem assinatura. O conjunto mais completo de atas não estava assinado, mas, tendo sido localizadas no Escritório do Historiador da Igreja, estávamos certos de que haviam sido feitas por George Watt, representante oficial da Igreja encarregado de anotar os procedimentos do tribunal. E assim afirmávamos nos sete rascunhos de nosso manuscrito, analisando todas as nossas fontes de acordo com essa suposição.

Finalmente, o manuscrito estava pronto para, dentro de poucas semanas, ser encaminhado ao editor. Certa tarde de sábado, encontrava-me sentado em meu escritório e senti-me impelido a dar uma olhadela na pilha de livros e folhetos empilhados na mesa atrás de minha escrivaninha, que não havíamos ainda examinado. Bem no fundo da pilha de cinqüenta ou sessenta publicações, descobri um catálogo do acervo do Museu Wilford C. Wood, que me fora enviado um ano e meio antes por seu autor, Professor Lamar Berrett. Folheando rapidamente esse catálogo de manuscritos ligados à

história da Igreja, meus olhos caíram sobre a descrição do manuscrito das atas do julgamento que atribuíramos a George Watt. O catálogo contava como Wilford Wood adquirira o original em Illinois, entregando à Igreja a cópia datilografada que conseguíramos no Escritório do Historiador.

Imediatamente visitamos o Museu Wilford Wood, em Woods Cross, Utah, conseguindo mais informações que nos permitiram determinar que as atas que julgáramos serem documentos oficiais da Igreja, haviam sido feitas por um dos advogados da defesa. Com essa informação, voltamos ao Escritório do Historiador da Igreja e pudemos localizar as atas oficiais e autênticas feitas por George Watt. Essa descoberta poupou-nos um grave erro na identificação de uma de nossas principais fontes, permitindo-nos ainda enriquecer consideravelmente o conteúdo de nossa obra. A impressão sentida naquele dia em meu escritório é um precioso exemplo de como o Senhor nos ajuda em nossos afazeres justos, desde que estejamos qualificados para recebê-la.

Poucos meses depois de começar a trabalhar na Universidade Brigham Young, tive outra dessas revelações. Como presidente novo e inexperiente, eu tinha muitos problemas para analisar e decisões a tomar, dependendo imensamente do Senhor. Num dia de outubro, subi de carro o Desfiladeiro de Provo, a fim de ponderar determinado problema. Apesar de encontrar-me só e sem nada para me incomodar, não conseguia concentrar-me no dito problema. Outro assunto pendente continuava a intrometer-se em meus pensamentos: deveríamos ou não modificar o calendário acadêmico, terminando o semestre de outono antes do Natal? Depois de uns dez ou quinze minutos tentando deixar de pensar no assunto, percebi o que acontecia. A questão do calendário não me parecia oportuna e, certamente, não estava buscando orientação a respeito, mas o Espírito tentava comunicar-se comigo a respeito dele. Passei a dar plena atenção ao assunto e fazer anotações num pedaço de papel. Em poucos minutos, havia esboçado os pormenores de um calendário de três semestres, com todas as suas vantagens.

Voltando depressa para o campus, examinei o assunto com meus colegas, que se mostraram entusiasmados. Poucos dias mais tarde, a Junta Educacional aprovou o novo calendário proposto, e pudemos publicar suas datas justamente a tempo ainda de torná-lo efetivo no outono de 1972. Desde aí, tenho relido estas palavras do Profeta Joseph Smith, percebendo que tive a mesma experiência que ele descreve:

"Uma pessoa poderá beneficiar-se, se percebe o primeiro embate do espírito de revelação. Por exemplo, quando sentis que a inteligência pura flui para vós, isto poderá, repentinamente, despertar uma corrente de idéias, de modo que... por conhecer e aceitar o Espírito de Deus, podereis crescer no princípio da revelação." (J. F. Smith, editor, *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,* pp. 146-47.)

Descrevi, pois, oito propósitos ou

tipos diferentes de revelação: (1) testificar, (2) profetizar, (3) confortar, (4) edificar, (5) informar, (6) restringir, (7) confirmar e (8) induzir. Cada um deles se refere a revelações que são recebidas. Antes de concluir, gostaria de sugerir algumas idéias sobre revelações não recebidas.

Em primeiro lugar, precisamos entender o que poderia chamar de princípio da "responsabilidade na revelação". A casa de nosso Pai Celeste é uma casa de ordem, na qual seus servos são mandados "agir... no ofício para o qual (foram) escolhidos". (D&C 107:99.) Este princípio se aplica também à revelação. Só o presidente da Igreja recebe revelação para guiar toda a Igreja. Só o presidente da estaca recebe revelação específica para a estaca. Quem recebe revelação para dirigir a ala é o bispo; para a família, a liderança eclesiástica da família. Os líderes recebem revelação para os setores sob sua responsabilidade. O indivíduo pode receber revelação para guiar sua própria vida. Mas, quando alguém alega haver recebido revelação para outra pessoa alheia à sua área de responsabilidade — como o membro da Igreja que diz receber revelação para toda a Igreja ou a pessoa que afirma ter uma revelação para dirigir outra pessoa sobre a qual não tem autoridade presidente, segundo a ordem da Igreja — podem estar certos de que essa revelação não é do Senhor. "Há sinais falsos." (Boyd K. Packer, "Orações e Respostas", *A Liahona,* março de 1980, p. 30.) Satanás é um grande ludibriador e a fonte de algumas dessas pseudo-revelações. Outras revelações são imaginárias.

Se uma revelação ultrapassa os limites de sua responsabilidade específica, podem estar certos de que ela não é do Senhor e não estão obrigados a segui-la. Tenho ouvido casos em que um jovem diz a uma moça que ela deve casar-se com ele, pois recebeu revelação de que ela será sua companheira eterna. Caso seja verdade, isso será confirmado pessoalmente à moça, se ela procurar sabê-lo. Até então, ela não tem obrigação de acatá-la. Deve antes procurar sua própria orientação e tomar suas próprias decisões. O homem pode receber revelação para guiar seus atos, mas não para dirigir os dos outros. Isto está fora de sua jurisdição.

E quando deixamos de receber a revelação que buscamos?

Nem sempre recebemos inspiração ou revelação quando a pedimos. Às vezes ela demora a vir, e em outras somos deixados à mercê de nosso próprio entendimento. Não se podem forçar as coisas espirituais. É preciso que assim seja. O propósito de nossa vida, de obtermos experiência e desenvolvermos a fé, seria frustrado, se o Pai Celestial nos guiasse em tudo, mesmo em todas as coisas importantes. Temos de tomar decisões e sentir as conseqüências para podermos adquirir autoconfiança e fé.

Até mesmo em decisões que achamos muito importantes, às vezes nossas preces ficam sem resposta. Isto não quer dizer que não foram ouvidas, mas simplesmente que oramos a respeito de uma decisão que, por algum motivo, devemos tomar sozinhos.

Talvez tenhamos pedido orientação para escolher entre alternativas igualmente aceitáveis ou igualmente inaceitáveis. Acho que *não* existe um certo e errado em *toda* questão. Em muitos casos, existem apenas duas respostas negativas ou duas respostas positivas. A pessoa, por exemplo, que quer saber qual a melhor das duas maneiras de vingar-se de alguém que a ofendeu, provavelmente não receberá revelação. Tampouco a pessoa que busca orientação numa escolha que jamais fará devido a alguma intervenção futura, tal como uma terceira alternativa claramente preferível. Certa ocasião, minha mulher e eu oramos sinceramente a respeito de uma decisão que nos parecia muito importante. Nenhuma resposta. Não conseguíamos imaginar por que o Senhor não nos ajudava confirmando ou não nossa intenção. Não muito tempo depois, soubemos que não precisaríamos tomar a referida decisão, pois aconteceu algo que a tornava desnecessária. O Senhor não iria guiar-nos numa escolha que não fazia nenhuma diferença.

A pessoa que busca orientação para optar entre duas alternativas igualmente aceitáveis ao Senhor provavelmente não receberá resposta. Assim, há ocasiões em que podemos servir produtivamente em dois campos de trabalho diferentes. As duas opções são boas. Da mesma forma, o Espírito do Senhor provavelmente não nos dirigirá em coisas triviais. Certa vez ouvi uma moça testificar a respeito da espiritualidade do marido, contando que ele submetia todas as coisas à consideração do Senhor. Quando, por exemplo, a acompanhava nas compras, não escolhia nem mesmo entre duas marcas de conservas, sem antes orar a respeito. Isto me parece impróprio. Creio que o Senhor espera que usemos a inteligência e experiência que nos deu para tomar esse tipo de decisões. Quando um membro pediu ao Profeta Joseph Smith conselho sobre certo assunto, ele declarou: "Perguntar a Deus, ou vir à sua presença é algo muito sério; e tememos consultá-lo sobre assuntos de pouca ou nenhuma importância." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,* p. 24.)

Logicamente, nem sempre somos capazes de julgar o que é pouco importante. Se algum assunto nos parece de pouca ou nenhuma importância, devemos proceder de acordo com nosso próprio julgamento. Quando a escolha é importante por motivos que desconhecemos, como no caso do convite para falar a que me referi, ou na escolha entre duas conservas, caso uma delas contenha veneno, o Senhor intervirá para nos orientar. Se uma escolha realmente fizer diferença em nossa vida — seja óbvia ou não — e estivermos vivendo em sintonia com o Espírito e buscando sua orientação, podemos estar seguros de que seremos guiados no necessário para alcançar nosso objetivo. O Senhor não nos abandona, quando algo é importante para nosso bem-estar eterno.

O Irmão Oaks, ex-presidente da Universidade Brigham Young, é atualmente juiz no Supremo Tribunal de Justiça de Utah.